

## RESENHA

---

Livro: *Parceiros do rio bonito*  
 Autor: CÂNDIDO, Antônio.  
 Editora Livraria Duas Cidades, 1975.

---

### RESENHA DO LIVRO PARCEIROS DO RIO BONITO

Exzolvildres Queiroz Neto \*

O espaço rural brasileiro, para além do setor econômico agrícola, é um universo em construção-desconstrução é dinâmico e inerte, ação-reflexão, início e fim, efêmero nas previsões sobre o ocaso do seu tempo e eterno em suas territorialidades em movimento. São efemérides para um ensaio.

O Brasil é um país de costas para si mesmo. O *caipira* é na história quase uma virtualidade da civilização brasileira, praticamente, o ensaio de teorias acerca do povo brasileiro. Os modos de vida *caipira* não ensinam, neles mesmos, todas as explicações, mas surgem da inter-relação com a terra, a humanidade, a natureza, o tempo, o espaço e as contingências. A literatura permite alinhar a condição humana à construção de um espaço de ação o que conduz ao desnublado de contextos.

Algumas obras são consideradas clássicas por transporem o tempo. *Parceiros do Rio Bonito* é uma dessas obras que dialogam com sua época e com o devir. Antônio Cândido relatou em seu livro o momento das mudanças na organização do

espaço rural brasileiro e descortinou um cenário complexo e de contradições.

A construção do território brasileiro se deu por entradas e bandeiras, ao desbravar quimeras de uma natureza complexa, de empreendimentos alienígenas surgiram construções e homens. A rusticidade que moldou os corpos no interior do Brasil se deu pela confluência étnica que, por um devir histórico, amalgamou as esperanças.

Embrenhando por caminhos condutores ao interior do Brasil, calçados por registros de humanidades, é que Antônio Cândido (1975) desnublou o imaginário *caipira*, os meios de vida, e traduziu a ética e estética de um povo. Por meios de vida há que se dimensionar as ações dos sujeitos sobre o ambiente, seus valores e atitudes. Para tanto, o autor desenvolveu seu método para descortinar os meios de vida em um agrupamento *caipira*: “quais são, como se obtêm, de que maneira se ligam à vida social, como refletem as formas de organização e as de ajuste do meio (p. 17).” Em busca do velho e do novo espaço *caipira* o autor incidiu em estudos que o conduziram a uma reconstituição validada por documentos de viajantes do século XVIII e início do século XIX referências e indícios sobre a vida do homem da roça e longos interrogatórios sobre o “tempo dos antigos”.

O autor estabelece a escala do lugar, como espaço privilegiado de pesquisa em comunidade de um bairro rural, mas o inter-relaciona com as dimensões da construção da modernidade a partir de um modelo urbano-industrial. Uma perspectiva histórica, quanto aos problemas que caracterizavam a vida rural de São Paulo no

---

\*

Doutor em Engenharia Agrícola pela UNICAMP. Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA. E-mail: queiroz.neto@unila.edu.br

período de 1948 a 1954 um processo de “modernização” em curso.

Para Antônio Cândido, tornou-se fundamental esclarecer duas expressões: cultura (e sociedade) *rústica*; cultura (e sociedade) *caipira*. O termo rústico exprime um tipo social e cultural, indicando o que é, “no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo; as que resultaram do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação dos traços da cultura original, seja em virtude do contacto com o aborígene (p. 21).” O termo *caipira* é utilizado com “a vantagem de não ser ambíguo exprimindo desde sempre um modo-de-ser, um tipo de vida, nunca um tipo racial (p. 22).” Quanto ao conceito de sociedade o autor define que, “as sociedades se caracterizam, antes de mais dada, pela natureza das necessidades de seus grupos, e os recursos de que dispõem para satisfazê-las (p. 23).” Logo, o equilíbrio se estabelece em grande parte pela correlação entre as necessidades e sua satisfação.

Neste sentido, o tempo incorpora o espaço à história dos grupos e o espaço se incorpora à sociedade pelo trabalho e a técnica. Desta feita, o autor conclui que “[...] enquanto houver homens, a História da Natureza e a História dos Homens se condicionarão reciprocamente (p. 24).” Logo, atinge-se um equilíbrio quando, “há uma equação necessária entre o ajuste ao meio e a organização social (p. 25)” havendo para cada cultura, em determinado momento, certos mínimos abaixo dos quais não se pode falar em equilíbrio. Assim, “o meio se torna deste modo um *projeto* humano nos dois sentidos da palavra: projeção do homem com as suas necessidades e planejamento em função destas” (p. 28). Logo pelos ajustamentos do grupo ao meio, com a fusão entre a herança portuguesa e a do primitivo habitante da terra, é que se pode analisar este processo de elementos para a compreensão e definição da economia seminômada que tanto marcou a dieta desta comunidade.

A dieta do *caipira* marca o plano da subsistência e da utilização de recursos do meio, principalmente, a caça como complemento alimentar. É patente a dificuldade do *caipira* em diversificar a dieta seja pela diminuição da caça ou pelas dificuldades na aquisição de carne de vaca.

Assim, surgem dois elementos para a equação do equilíbrio da sociedade: um ligado a questão ecológica e o outro associado à baixa renda. Ocorre, neste momento de transição, a perda de hábitos alimentares tradicionais sem a possibilidade de incorporar, de maneira regular, os novamente surgidos devido à urbanização. O autor verifica no período de 1948 a 1954 o desaparecimento das ferramentas e costumes tradicionais. Trata-se, pois, de um acentuado incremento de dependência que, destrói a autonomia do grupo da vizinhança incorporando-o ao sistema comercial das cidades “uma perda ou transferência de elementos culturais, que antes caracterizavam a sociedade *caipira* na sua adaptação ao meio (p. 142).”

Quanto à absorção do *caipira* pelo processo de urbanização, o autor identifica as seguintes situações: 1) aceitação total, 2) rejeição total ou 3) aceitação parcial dos traços introduzidos pela nova situação – sendo a última hipótese mais comum e normal nos que permanecem no campo. Neste contexto, a transição para o universo urbano se faz pelo abandono das práticas tradicionais e a falta de renda compromete a aquisição dos bens disponíveis na cidade. Sobre a condenação do *caipira* à urbanização com muita lucidez, o autor dimensiona o limiar da incorporação a uma realidade ou o simples conviver “[...] deve ser justamente no sentido de urbanizá-lo, o que, note-se bem, é diferente de trazê-lo para a cidade (p. 225).”

Desde então, há uma dicotomia urbano-rural na medida em que o processo cria contrapontos, principalmente, de um imaginário e modo de vida. Como espaços o urbano e o rural são interstícios, no caso brasileiro, da promoção do desenvolvimento acirrando as disputas e não a confluência para a resolução de problemas sociais que, afetam ambos os espaços e suas populações.

Logo a configuração espacial, que caracteriza o lugar, é estabelecida em um contexto no cotidiano e o trabalho é o fator de humanização deste. Assim, o *caipira* ao trabalhar, os elementos do espaço natural através da técnica e da razão prática, constrói o espaço habitado e produz laços simbólicos, materiais e imateriais. Como fator delimitador da territorialidade há simbolismos do pertencimento onde dentro: é tradição, solidariedade, socialização,

reciprocidade, parentesco; e fora: é possibilidade, contingência. O território é concebido por questões de valor de uso para além do pragmatismo legalista e economicista. Logo, há decisões por direito de uso garantido pelo trabalho, o estabelecimento e a memória. Desenvolve-se uma dialética da memória coletiva associando o instante do presente ao conjunto do tempo e do espaço como também às ressonâncias de tempos imemoriais. Portanto, o espaço rural deve ser vislumbrado como uma totalidade, isto é, as relações sociais, o ambiente, a estrutura agrária, os conflitos, as contradições, o modo de produção, as famílias, as políticas públicas, as relações com o espaço urbano e o conhecimento.

O estudo sobre o *caipira*, ou de comunidades rurais na contemporaneidade, pode ser considerado um vaticínio sobre o desolamento do mundo rural brasileiro frente à investida urbanizadora uma “cruzada” em prol da modernidade? Acredita-se que não. No Brasil foca-se mais no debate agrícola, principalmente do agronegócio, do que no espaço rural como modo de vida e organização social: uma complexa miríade de possibilidades e arranjos dos lugares (que dialogam com as diversas escalas e suas variáveis).

A obra de Antônio Cândido, *Parceiros do rio bonito*, traz à cena a inserção do espaço rural brasileiro, especialmente o do *caipira*, na modernidade. Esta inserção se deu pelo amálgama da lógica econômica, o que é muito restritivo, tendo em vista a idéia de progresso. Assim, não se deve fazer a leitura desta obra com uma visão arqueológica, mas de vislumbrar o que temos, em conta no Brasil, de consideração à diversidade. As escolhas dos *caipiras*, eles próprios construtores de um Brasil, foram se escasseando frente à imposição de uma lógica da homogeneidade capitalista. Entretanto, os lugares são constituídos pela inter-relação de escalas e de visões de mundo. Se por um lado o *caipira* “puro” nunca existiu por outro lado é fundamental reconhecer a sua diferença e igualdade no conjunto da população brasileira.

Recebido em 10/07/2012  
Aprovado em 01/08/2012